

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
CURSO DE FONOAUDIOLOGIA

MÉLANY DIAS DA SILVEIRA

**O *LUGAR DA ESCUTA* NA CLÍNICA DE LINGUAGEM: CONTRIBUIÇÕES
LINGUÍSTICAS**

Porto Alegre

2017

MÉLANY DIAS DA SILVEIRA

**O LUGAR DA ESCUTA NA CLÍNICA DE LINGUAGEM: CONTRIBUIÇÕES
LINGUÍSTICAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do título de bacharel em Fonoaudiologia.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Luiza Milano

Porto Alegre

2017

MÉLANY DIAS DA SILVEIRA

**O LUGAR DA ESCUTA NA CLÍNICA DE LINGUAGEM: CONTRIBUIÇÕES
LINGUÍSTICAS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado e aprovado para obtenção do título em Bacharel em Fonoaudiologia no Curso de Graduação em Fonoaudiologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 19 de Dezembro de 2017.

Prof^a. Dr^a. Roberta Alvarenga Reis
Coordenador da COMGRAD Fonoaudiologia

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Luiza Millano
Orientadora – UFRGS

Prof. Dr. Jefferson Cardoso Lopes
Examinador – UFRGS

M^a. Aline Vargas Stawinski
Examinadora – UFRGS

AGRADECIMENTOS

Sou fortemente grata **à Luiza**, que já no começo desse percurso, suscitou em mim o despertar para os interesses que compuseram essa travessia. Agradeço pela confiança, parceria, momentos de orientação pautados pela dedicação, responsabilidade e competência. Teu modo humilde e determinado foi essencial para me ensinar a ser.

Aos colegas do grupo de pesquisa, que de maneira tão gentil e sensível me acolheram, compartilhando angústias e enriquecendo reflexões; nossas trocas diversas e plurais me engrandecem. Um agradecimento especial a Janaína, Aline Stawinski, Bianca e Augusto pelos encorajamentos e afeto.

Ao Jefferson e à Nina, agradeço pelas tantas supervisões, por estarem dispostos a participar de fato desse processo de tornar-me terapeuta, acolhendo meus desassossegos clínicos. Agradeço, também, pela solicitude e pelos efeitos de nossos diálogos.

À Mariane, pela amizade cúmplice, por ter sido minha parceira nessa trajetória e trilhar comigo tantos outros caminhos.

À minha mãe, Milena, por tornar essa conquista possível. Te agradeço pelos incentivos, pelo amparo e suporte. Obrigada por acreditar.

Ao Governo Federal, pela formação gratuita e pela bolsa concedida que sustentou financeiramente essa formação e possibilitou a realização dessa pesquisa.

"Esperava o silêncio. Escutava muito ao redor de si. Mas nunca ouvia tudo; não sabia nem podia."

João Guimarães Rosa

SUMÁRIO

RESUMO.....	7
INTRODUÇÃO	8
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: CAMINHOS DE LEITURA E RELEITURA	9
NO RASTRO DA ESCUTA DA TEORIA SAUSSURIANA	11
O PAPEL DO RECEPTOR NO ESQUEMA DA COMUNICAÇÃO.....	15
A ESCUTA DO SOM E DO SENTIDO.....	18
ÉMILE BENVENISTE E AS PESSOAS DO DISCURSO.....	19
A FORMA E O SENTIDO BENVENISTIANOS	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	23

RESUMO

O presente artigo propõe uma reflexão acerca da noção de escuta, que prevê suscitar repercussões para o âmbito da clínica de linguagem partindo de uma leitura singular de contribuições da linguística. É, portanto, na teoria linguística que nos aprofundamos para explorar as indagações propostas. Há, nesse sentido, um deslocamento de conceitos expostos nas obras de Ferdinand de Saussure, Roman Jakobson e Émile Benveniste tais como: acústico, fala, ouvinte, receptor, interlocutor – que pressupõem uma noção de escuta e podem vir a desempenhar um papel relevante na atuação em clínica de linguagem.

Palavras-chave: clínica de linguagem; escuta; fala; ouvinte.

INTRODUÇÃO

A clínica de linguagem¹ e o âmbito dos estudos linguísticos implicam-se mutuamente, com aspectos interdependentes, produzindo indagações que repercutem em reflexões para ambas as áreas. Considerando a fonoaudiologia como uma ciência dedicada ao fazer clínico – no qual compreende-se a interação de dois indivíduos envolvidos no processo terapêutico – surge nossa questão a respeito do papel que o lugar de escuta desempenha na clínica de linguagem. Com o intuito de explorar este assunto, buscamos amparo nas contribuições da linguística acerca do tema.

A noção de escuta tem sido um frequente interrogante no percurso de estudos que viemos traçando a respeito do aspecto fônico da língua². Na busca de considerações acerca desta concepção, encontramos significativo aporte no campo da linguística, uma vez que é a disciplina com notória dedicação aos estudos dos elementos da língua, dos aspectos envolvidos no ato de fala e das atribuições dos sujeitos envolvidos no discurso. Por essa mesma razão, no presente artigo, fundamentaremos nossos argumentos em teorizações oriundas da linguística.

Como ponto de partida de nossas reflexões, ocupamo-nos inicialmente das seguintes indagações: o que é escuta? Qual a especificidade da escuta na clínica de linguagem? De que maneira este conceito auxilia o processo terapêutico?

Na intenção de contemplar estes questionamentos e propor reflexões pertinentes à clínica de linguagem, procuramos respaldo nas teorias de três grandes linguistas: Saussure, Jakobson e Benveniste. Nos estudos relativos a Ferdinand de Saussure, buscaremos circunscrever o lugar do sujeito falante-ouvinte³ nos fatos da linguagem. Em Roman Jakobson, procuraremos as observações sobre o papel do emissor e receptor em relação às funções presentes em todo ato de fala, e também, suas indispensáveis contribuições relacionadas a maneira com que a escuta é retratada na linguística. E, finalmente, em Émile Benveniste, retomaremos os

¹ “Expressão utilizada para referir um campo específico da área de atuação clínica no terreno dos transtornos de linguagem (demarcando diferenças entre um fazer clínico fonoaudiológico pautado por aderência a disciplinas como linguística, medicina e pedagogia e um fazer clínico em clínica de linguagem com uma escrita própria)”, conforme Surreaux, 2006.

² Este estudo faz parte do conjunto de discussões que vêm sendo construídas no interior do grupo de pesquisa “O rastro do som em Saussure”, coordenado pela Profa. Dra. Luiza Milano desde 2013.

³ Encontra-se no Curso de Linguística Geral inúmeras referências ao sujeito falante. A expressão sujeito falante-ouvinte aqui utilizada foi cunhada a partir das reflexões do grupo de pesquisa “O rastro do som em Saussure”.

estudos sobre o homem na língua, situando uma consistente reflexão acerca do ato enunciativo.

Buscaremos nesses autores observações que eles mesmos, muitas vezes, não chegaram a dar destaque, mas que nem por isso deixaram de estar presentes em suas propostas. É importante salientar que buscaremos nessas fontes formulações para posterior reflexão, evitando, assim, a simples adesão irrefletida ao saber da linguística. Convém enfatizar ainda que não nos ocuparemos de construir ou de propor uma leitura detalhada da noção de escuta⁴ que incida sobre a linguística, mas sim, de operar uma interpretação singular do que os autores apresentam em suas formulações, havendo, nesse sentido, um deslocamento de conceitos expostos no terreno da linguística para o campo da clínica de linguagem.

No que se refere à noção de escuta, nossa investigação acerca do tema busca, nas fontes selecionadas para pesquisa, o emprego deste conceito em distinção com a ideia de audição, que se prende tão somente ao sentido fisiológico, ao próprio ouvido; ao passo que, para escutar faz-se necessário a utilização da função específica da atenção e interpretação – aspectos essenciais na clínica de linguagem para a apreensão não apenas do som, mas de seu sentido.

Em diversas práticas de intervenções fonoaudiológicas, é possível perceber um distanciamento da perspectiva com a qual procuramos aplicar e compreender a noção de escuta, modelos que determinam o sujeito em tratamento como aquele que apenas sofre, passivamente, a ação da terapia. No desenvolvimento de nossa reflexão, buscaremos investigar uma concepção que interrogue e analise o papel da escuta nas interações comunicativas, deslocando esta questão para pensar na relação dos interlocutores implicados no processo terapêutico da clínica de linguagem, e provocando reflexões que não limitem o paciente à inação.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: caminhos de leitura e releitura

Inauguramos nosso diálogo com a área dos estudos da linguagem a partir da leitura de Roland Barthes⁵. Em um escrito acerca da concepção de escuta

⁴ Essa discussão pode ser encontrada em Stawinski (2016) e em Milano; Stawinski; Gomes (2016).

⁵ Conforme Barthes e Havas (1987).

(BARTHES e HAVAS, 1987), o autor sublinha três possibilidades: o primeiro tipo de escuta sendo caracterizado como um exercício de ouvir índices que assinalam um alerta; o segundo tipo de escuta é uma decifração – signos que se tentam captar através do ouvido; e o terceiro tipo de escuta é aquele que não visa ou espera signos determinados, mas está atento a quem fala, desenvolvendo-se em um espaço intersubjetivo determinado pelo inconsciente. No que se refere a esta escuta psicanalítica, como Barthes a nomeia, atentamos para o fato de que não estamos sugerindo que a fonoaudiologia se ocupe daquilo de que consiste o inconsciente. No entanto, esse tipo de escuta envolveria o fato de o clínico estar disposto a escutar com sensibilidade aquilo que também constrói a cena terapêutica da clínica de linguagem, desempenhando uma intervenção capaz de desdobrar o sofrimento causado pelo sintoma. Levando em consideração os objetivos da reflexão que ora empreendemos, interessa-nos especialmente o que o autor diz a respeito do terceiro tipo de escuta, pois acreditamos que é necessário supor valor no dizer do outro para escutar aquilo que ele nos diz.

A fundamentação teórica apresentada a seguir é orientada por teorias linguísticas, ressaltando especialmente as contribuições de Ferdinand de Saussure, Roman Jakobson e Émile Benveniste que, de alguma forma, se ocuparam da noção de escuta. Visto que nosso objetivo é buscar contribuições da linguística para responder às questões oriundas do âmbito clínico, no presente estudo, a ancoragem teórica estará restrita a autores da linguística.

Longe de fazer uma reprodução da teoria, almejamos imprimir uma leitura singular que se direciona para as principais proposições conceituais em relação ao papel da escuta nos processos de comunicação contidas em textos específicos dos autores acima citados. Dessa maneira, procuramos um diálogo entre a linguística e a clínica de linguagem, realçando os princípios linguísticos que podem ser deslocados para o terreno da clínica de linguagem, de modo a buscar uma noção de escuta⁶ que possa interessar ao fazer fonoaudiológico.

⁶ A noção de escuta foi por nós também investigada em obras da área da fonoaudiologia, tais como em Pollonio (2011:48), Andrade (2005:168), Lier-DeVitto e Emendabili (2015:75). Embora nosso estudo dialogue parcialmente com as referidas reflexões, o objetivo do presente artigo é de dar visibilidade a aspectos das teorias linguísticas mobilizadas ainda não apontados por autores do campo da fonoaudiologia.

NO RASTRO DA ESCUTA DA TEORIA SAUSSURIANA

Partindo do clássico livro *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 1974), no qual foram definidos conceitos fundamentais para formulações do domínio linguístico, percorreremos também as lições pertencentes à versão dos *Escritos de Linguística Geral*, organizada por Simon Bouquet e Rudolf Engler (SAUSSURE, 2004), e às notas de Tullio de Mauro (SAUSSURE, 1972). Nossa escolha pelo autor se baseia não apenas no fato de sua notoriedade nas pesquisas da área linguística, mas também, por ser inegável o fato de que o linguista genebrino esteve às voltas com o aspecto fônico da língua ao considerar o lugar do falante, do ouvinte e da escuta em suas reflexões. Nesse sentido, o presente trabalho investiga aspectos relacionados à escuta no legado saussuriano, tendo a clareza de que esse termo não está registrado de forma evidente em seus estudos, mas imprimindo uma leitura que leva em conta o que indica ser uma noção de escuta, a partir de seus ensinamentos e considerações, conforme destacaremos a seguir.

Tendo como ponto de partida o *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure, obra póstuma fruto de um empreendimento de Bally e Sechehaye, temos a intenção de revisitar conceitos fundamentais para o campo da linguística, buscando ancorar reflexões para a noção de escuta que interessem à clínica de linguagem.

Há, logo no início do clássico livro, um capítulo⁷ dedicado ao esclarecimento do que seria o objeto da linguística no qual Saussure assinala os diversos aspectos que constituem o fenômeno linguístico. Nesse capítulo, o autor nos apresenta a relação entre a impressão acústica e o ouvido:

As sílabas que se articulam são impressões acústicas percebidas pelo ouvido, mas os sons não existiriam sem os órgãos vocais; assim, um *n* existe somente pela correspondência desses dois aspectos. (SAUSSURE, 1974:15)

Dessa forma, é possível compreender a relação interdependente dos sons percebidos e da articulação vocal, as duas faces inerentes aos fatos linguísticos, dispensando a perspectiva simplista de uma fisiologia despreendida de seus efeitos. Portanto, apesar de o aparelho fonador não ser o objeto de estudos da teoria

⁷ Capítulo III da Introdução do *Curso de Linguística Geral*.

saussuriana, não se pode desconsiderar o fato de que tal aparelho possibilita a produção de sons que passarão a ser significantes na língua, ou seja, é um método equivocado desassociar o som da articulação vocal, bem como definir os movimentos dos órgãos vocais fazendo abstração da impressão acústica.

Na sessão que segue, no interior do mesmo capítulo que trata sobre o objeto da linguística, Saussure nos apresenta o “Lugar da língua nos fatos da linguagem” (SAUSSURE, 1974:19) e nos coloca diante do ato individual que permite reconstituir o circuito da fala.



Logo após apresentar o esquema do circuito da fala, é indicada a ideia da língua como virtualidade, isto é, no pensamento do falante; o signo é virtual, transmitido por um processo puramente físico ao ouvinte, que fisiologicamente recebe esta onda sonora e a interpreta em um fenômeno inteiramente psíquico – na sua virtualidade. É indicado, desde então, que o ouvido será responsável por desempenhar posição essencial neste circuito, conforme se pode constatar no capítulo seguinte: “Enfim, é a fala que faz evoluir a língua: são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos linguísticos.” (SAUSSURE, 1974:27)

Ainda na introdução do *Curso*⁸, há um capítulo dedicado à fonologia e, logo depois, um apêndice sobre o mesmo tema, no qual se constata uma definição de fonema que pressupõe o aspecto perceptivo das diferenças entre os sons: “(...) pelo ouvido, sabemos o que é um *b*, um *t* etc.” (SAUSSURE, 1974:49)

Mediante essa primeira investigação acerca da noção de escuta no clássico livro, nos limites introdutórios da obra, reconhecemos a importante contribuição

⁸ Alternaremos a referência ao *Curso de linguística geral* (SAUSSURE, 1974), utilizando o nome completo da obra e apenas a expressão *Curso*.

deste autor no domínio da linguística e áreas afins, assim como para o tema de nossa investigação quanto às considerações acerca do lugar de escuta.

No decurso dessa reflexão, faremos referência também à versão dos *Escritos de Linguística Geral*, organizada por Simon Bouquet e Rudolf Engler (SAUSSURE, 2004), tal como, às notas de Tullio de Mauro (SAUSSURE, 1972). Acreditamos que explorar não somente a obra póstuma de Saussure – mas também, antigos documentos, releituras e críticas – funda espaço para diferentes apontamentos e possibilidades de deslocamentos da temática da escuta para o campo da clínica de linguagem.

A importante obra dos *Escritos de Linguística Geral*⁹ (SAUSSURE, 2004) oferece um novo prisma para o pensamento moderno das ciências da linguagem e apresenta evidências do engajamento de Saussure com a noção de escuta. Em diferentes passagens, o genebrino nos coloca diante de suas considerações quanto ao sujeito falante e mostra que a própria definição de signo depende de seu reconhecimento por um falante-ouvinte, observação bastante relacionada à ideia de valorizar o “sentimento dos sujeitos falantes”, reconhecendo que a percepção que os falantes têm da língua é fundamental na constatação do que é ou não uma unidade linguística.

A melhor prova de que a impressão acústica, por si só, tem um valor, é o fato de ser impossível, aos próprios fisiologistas, distinguir unidades no mecanismo da voz sem as unidades previamente fornecidas pela **sensação acústica**. O que faz um fisiologista ao explicar os movimentos para o *b*? Ele começa por estabelecer uma base na unidade que produz o *b* em seu ouvido (SAUSSURE, 2004:212, grifos nossos).

Os conceitos propostos pela teoria saussuriana em muito contribuem em nossa reflexão, visto que, apontam para a importância da consideração de um sujeito falante-ouvinte para o funcionamento da língua em toda sua complexidade, salientando o valor da impressão acústica na tarefa de identificar os elementos que participam do ato comunicativo; princípio essencial para o tratamento na clínica de

⁹ Editada por Bouquet e Engler, a publicação *Escritos de Linguística Geral* reúne textos encontrados em 1996 e antigos documentos (Edição Engler, 1968-1974 e Acervo da Biblioteca Pública e Universitária de Genebra). Do ponto de vista filológico, cabe destacar a fundamental importância que tem, para o pesquisador das fontes manuscritas saussurianas, a edição desse mesmo manuscrito realizada por René Amacker, em 2011, com o título de *Science du langage: de la double essence du langage*. No presente artigo, no entanto, optamos por trabalhar com a versão de Bouquet e Engler, em função de sua larga divulgação no Brasil, através da tradução de Carlos Augusto Salum e Ana Lucia Franco (SAUSSURE, 2004).

linguagem, fundamentando o processo terapêutico na percepção que o indivíduo tem de sua própria fala, do modo como articula os sons da língua.

Passamos agora a dar destaque a algumas notas de Tullio de Mauro (SAUSSURE, 1972), especificamente àquelas que se referem ao circuito da fala exposto na Introdução do *Curso de Linguística Geral*. Nossa escolha se baseia na representatividade das contribuições que as críticas do linguista italiano exerceram sobre o campo dos estudos saussurianos.

Em suas notas¹⁰, Tullio de Mauro retoma as definições a respeito da esfera da língua segundo a perspectiva do ato individual que permite reconstituir o circuito da fala, uma vez que Saussure constatou a realidade linguística como dependente do sujeito falante, e a língua, como pura abstração teórica.

A ideia de que a língua é um conjunto de convenções necessárias e adotadas pela sociedade para possibilitar a faculdade da linguagem nos indivíduos, mas que, essencialmente, pelo ato individual da fala, o indivíduo vai ser capaz de exercer e partilhar essas aptidões determinadas pela convenção social, mostra-nos a pertinência destes conceitos para a prática fonoaudiológica – que intervem no ato de fala, investindo, portanto, na escuta.

Com base nos estudos feitos por Tullio de Mauro acerca da distintividade entre língua e fala, que resgata as observações a respeito da percepção de Saussure no que se refere a distinção entre argumentos relacionados às entidades linguísticas e considerações fisiológicas, entende-se que a língua não constitui uma função do falante – é o produto que o indivíduo registra passivamente¹¹ – ao passo que, a fala é, ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência – indicando que a diferença da língua enquanto forma e da fala como realização significativa e fônico-acústica¹² é a primeira verdade que nos alcança, uma vez que permite reconhecer a característica radicalmente arbitrária do signo.

O linguista nos indica (cf. nota 64, SAUSSURE, 1972:420) que a língua vive apenas para governar a fala, e ainda que compreenda a evidência do contraste da língua no social e da fala no particular do indivíduo, manifesta críticas aos primeiros

¹⁰ Principalmente da nota 59 à nota 67 situadas nas páginas 425 – 431 do *Cours de Linguistique Générale*, Édition Critique préparée par Tullio de Mauro (SAUSSURE, 1972).

¹¹ O que se aponta como “passivo” do ponto de vista da língua é este conjunto de alocações depositado pelo exercício da fala no cérebro dos falantes, o que também é conhecido como “o tesouro da língua”.

¹² É sempre importante lembrar que para Saussure o aspecto fônico-acústico da fala não se reduz à fisiologia pura. Sempre que refere a fala do ponto de vista fônico, o autor parte do princípio representativo de todo e qualquer sistema semiológico.

leitores de Saussure, sustentando a ideia de que não se pode separar e opor uma coisa a outra, visto que, língua e fala se articulam.

Interessa-nos em especial o que Tullio de Mauro sugere quanto à audição, que, de acordo com o autor, está longe de poder ser considerada como um simples mecanismo receptivo, uma inscrição inerte. Ouvir o discurso não é apenas um processo automático e passivo, mas uma função seletiva conforme os aspectos impostos pela situação e questões particulares do indivíduo.

O PAPEL DO RECEPTOR NO ESQUEMA DA COMUNICAÇÃO

Seguimos nosso percurso com o respaldo das contribuições de Roman Jakobson, que, conhecido por seus mais variados interesses intelectuais, realizou uma abordagem científica de grande profundidade e alcance, relacionando a contribuição da linguística estrutural à teoria da comunicação, antropologia, arte e pesquisas acerca dos distúrbios da fala, entre outros tantos temas. Comprometido com os estudos de diversas áreas, desenvolveu indispensáveis considerações a respeito do papel do receptor¹³ no processo de comunicação, destacou o caráter indissociável do som e sentido e, a partir de suas brilhantes produções teóricas, contribuiu notavelmente com o trabalho em clínica de linguagem.

Os *Diálogos* de Roman Jakobson e Krystyna Pomorska (JAKOBSON, 1985), reproduzidos em um estilo de conversa, apresentam um verdadeiro testamento intelectual do linguista e nos permitem retomar trabalhos anteriores do autor através de uma escrita familiar e despojada. A conversa registrada nesse livro aborda os diversos campos de interesse do linguista: o caminho da poética, as abordagens do folclore, a problemática dos sons da fala e o sistema de signos, apresentando, assim, a relação interdependente entre estes assuntos.

Interessa-nos, no exame desta obra, conhecer os caminhos percorridos por Jakobson em suas investigações acerca das representações dos signos linguísticos, suas descobertas em relação à função poética da linguagem e suas considerações quanto ao vínculo da esfera do fônico e do sentido. As teses formuladas por

¹³ Ainda que o termo “receptor” empregado por Jakobson manifeste a ideia de que o ouvinte não age, mas apenas recebe, nos distanciamos dessa interpretação tendo a intenção de ir além da concepção de ouvinte como figura passiva.

Jakobson estão repletas de observações direcionadas a pensar na noção de escuta, como vemos:

O ouvinte toma consciência das palavras, quando as unidades que as compõem já foram pronunciadas, e das frases, quando as palavras que as formam já foram proferidas. Ele deve dirigir sua atenção para o jato do discurso e, ao mesmo tempo, poupar os momentos indispensáveis para a compreensão do todo (...) (JAKOBSON, 1985:73)

O linguista se dedicou a investigar as posições ocupadas pelos sujeitos em atividade de fala, analisando o desempenho e as funções do emissor e do receptor, e destacou o papel substancial da escuta neste processo de comunicação, o que nos propicia articular estes conceitos da linguística com nossos interrogantes pertinentes à clínica de linguagem.

Com o propósito de explorar os diferentes fatores e funções da linguagem, bem como os encargos pertinentes ao receptor no processo de comunicação, passaremos, a seguir, à pesquisa de nosso tema a partir dos textos reunidos em *Linguística e Comunicação* (JAKOBSON, 1969).

Em seus trabalhos, deparamo-nos com um resgate dos princípios referentes à estrutura da língua, comprovando uma filiação saussuriana reconhecida pelo próprio autor. No texto intitulado “Linguística e teoria da comunicação”, o linguista aponta que:

O fluxo da linguagem falada, fisicamente contínuo, colocou em princípio a teoria da comunicação diante de uma situação “consideravelmente mais complicada” do que no caso de um conjunto finito de elementos discretos que a linguagem escrita apresentava. (JAKOBSON, 1969:73)

Desdobrando esta situação, Jakobson expõe que a análise linguística conseguiu resolver metodologicamente o estudo do discurso oral organizando-o em uma série finita de unidades elementares de informação, os traços distintivos, agrupados em feixes de fonemas que se encadeiam em sequências. Na teoria jakobsoniana, semelhante à tese de Saussure, a base de todo esse sistema dos traços distintivos reside no emprego de elementos binários¹⁴, que definem o conteúdo da mensagem a partir de decisões que possibilitam ao receptor interpretar

¹⁴ Em comparação aos dígitos binários aplicados pelos engenheiros de comunicações, Jakobson propõe uma representação em “linguagem matemática e instrumental” dos traços distintivos dos fonemas através de sua estrutura binária. Importante destacar que a aproximação à proposta saussuriana se dá em função das relações de valor, estabelecidas através de *diferença* e *oposição* dentro do sistema.

a mensagem com base nos elementos a sua disposição. Tendo em conta estas considerações, vemos o trabalho de Jakobson contribuindo imensamente para reflexões no tocante ao arranjo da fala elaborado pelo emissor, assim como, ao caráter fundamental do processo de compreensão desempenhado pelo receptor.

Com relação às interpretações e manifestações no que diz respeito ao código linguístico, Jakobson retoma conceitos relacionados às características dos signos, seus constituintes, sistema de conversão dos significantes em significados e processos de transmissão, não desconsiderando a complexidade implicada no ato comunicativo: “Para o receptor, a mensagem apresenta grande número de ambiguidades onde não havia qualquer equívoco para o emissor.” (Ibidem, p. 81) Afirmação que muito se relaciona e contribui com nossas investigações, uma vez que, propõe análise quanto à decodificação por aquele a quem a mensagem se destina.

No desenvolvimento dos textos que compõem o *Linguística e Comunicação*, Jakobson (1969) adverte-nos sobre as equivocadas tentativas de construir um modelo da linguagem que recusa a relação com quem produz e recebe a informação, reduzindo o código a um elemento desligado da comunicação efetiva, e, diante disso, apresenta-nos uma interpretação dos fatores constitutivos de todo ato de comunicação verbal. De acordo com sua proposta, todo processo linguístico se fundamenta no envio de uma mensagem do remetente ao destinatário, que, para ser compreendida, requer um contexto possível de ser verbalizado pelo remetente e assimilado pelo destinatário, de um código comum aos interlocutores e de um contato – canal físico e conexão psicológica entre ambos – que lhes possibilite a comunicação. Em nossa opinião, a proposta deste modelo é essencial para a terapia em clínica de linguagem, sustentada na permuta de formas simbólicas com o outro.

Avançando nas reflexões do capítulo “Linguística e Poética”, deparamo-nos com considerações que atravessam os múltiplos estudos de Jakobson no que se refere à busca pelo sentido associado ao som. Em diversas passagens deste texto, reaparece a análise da noção de “figura de som”, composição estruturada no contraste binário, assumida pelos diferentes segmentos de uma sequência fonológica e considerada como princípio constitutivo do verso, primordial para o conhecimento da poética. Nesse texto, temos a seguinte observação:

(...) a textura sonora está longe de confinar-se a combinações numéricas, e um fonema que apareça uma única vez, mas numa

palavra-chave, em posição pertinente, contra um fundo contrastante, pode adquirir relêvo significativo. (JAKOBSON, 1969:154-155)

Este trecho nos mostra o quanto Jakobson esteve implicado com noções pertinentes ao simbolismo sonoro e suas repercussões na função poética, tanto como os efeitos deste no processo de comunicação. Com isso queremos destacar que as reflexões do linguista russo extrapolam os limites da especificidade de um único fenômeno linguageiro, o que nos permite reconhecer de que maneira a noção de escuta ajuda-nos a entender o modo como o ouvinte percebe e converte o som em um elemento de sentido, nas múltiplas manifestações da linguagem.

A ESCUTA DO SOM E DO SENTIDO

Tendo visto, ainda que de forma breve, concepções fundamentais da teoria jakobsoniana presentes na obra *Linguística e Comunicação*, passamos em seguida às suas *Lições sobre o som e o sentido* (JAKOBSON, 1977). Logo na primeira lição, Jakobson expõe suas críticas ao ponto de vista dos neogramáticos, para quem o som e o sentido dependiam de ordens inteiramente separadas, e nos mostra a impossibilidade de afastar o som de seu sentido na perspectiva da linguística. Nas lições posteriores, avança em reflexões concernentes à noção de fonema e discute as interpretações propostas, retomando suas argumentações na lição que encerra o curso.

No início de suas exposições, Jakobson manifesta seus interrogantes a respeito dos sons da linguagem e seus aspectos motor e acústico, destacando que o sujeito falante tem em vista o fenômeno acústico, único diretamente acessível ao ouvinte:

Quando eu falo, é para ser ouvido. Dos dois aspectos do som, é portanto o aspecto acústico que apresenta antes de tudo um valor intersubjetivo, social, enquanto que o fenômeno motor, ou, por outras palavras, o trabalho do aparelho vocálico, é simplesmente uma condição fisiológica do fenômeno acústico. (JAKOBSON, 1977:22)

As considerações propostas pelo linguista, fornecem-nos respaldo na tarefa de refletir acerca da terapia na clínica de linguagem – que visa abarcar os dois aspectos do som na medida em que atua nas intervenções sobre o aparelho fonador, das quais dependem o fenômeno acústico – e também, explorar o lugar que

a escuta ocupa na clínica de linguagem para o sujeito em tratamento, que é convocado a ser ouvinte de suas produções. Deste modo, a teoria jakobsoniana nos sinaliza a importância da escuta para além do aspecto motor, considerando seus efeitos para o fenômeno acústico.

ÉMILE BENVENISTE E AS PESSOAS DO DISCURSO

No desfecho deste percurso, fundamentaremos nossa reflexão na teoria de Émile Benveniste que, no nosso entender, é a mais representativa de todas as que integram o campo da Linguística da Enunciação. Benveniste se dedicou ao estudo semântico da língua com vistas à enunciação e, com base nesta perspectiva – que não ignora as concepções de sistema e de signo do pensamento saussuriano, o autor buscou a articulação entre a língua e o sujeito que dela faz uso, reconhecendo o lugar do sujeito na linguagem. Com o objetivo de explorar a importância da noção de escuta para o âmbito da clínica de linguagem, a tese benvenistiana nos possibilita entender e analisar as posições ocupadas pelos sujeitos que constituem o ato enunciativo, instaurando a categoria de pessoa e definindo as pessoas do discurso que, de acordo com o autor, só ganham plenitude quando assumidas por um falante – atitude que pressupõe um ouvinte e implica pensar no conceito de escuta.

Como se pode ver no texto *A natureza dos pronomes*, esta classe de palavras (os pronomes) compreende as instâncias do discurso. Tomando-as como fato de linguagem, Benveniste considera-os a partir dos atos enunciativos, ou seja, atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavra por um locutor.

É preciso ver que, para Benveniste, o dispositivo trinitário da enunciação *eu-tu/ele* confere a noção de pessoa somente à *eu/tu*, posto que o terceiro elemento é representativo da não-pessoa, pessoa ou assunto de quem/de que se fala. Nesse sentido, *eu* é o indivíduo que enuncia a presente instância do discurso, fixando as referências da alocação atual e introduzindo a definição simétrica para *tu*, indivíduo alocutado que dirá *eu* na próxima alocação. Ou seja, este signo único, mas móvel – *eu* – pode ser assumido por todo locutor, com a condição de que ele só remeta à instância do seu próprio discurso, uma vez que é identificando-se como pessoa

única pronunciando *eu* que cada um dos locutores se propõe alternadamente como "sujeito" e fundamenta o discurso individual, no qual cada falante assume por sua conta a linguagem "inteira":

Assim, os indicadores *eu* e *tu* não podem existir como signos virtuais, não existem a não ser na medida em que são atualizados na instância de discurso, em que marcam para cada uma das suas próprias instâncias o processo de apropriação pelo locutor. (BENVENISTE, 1991:281)

As proposições teóricas acerca da estrutura enunciativa proposta por Benveniste contribuem enormemente para nossas questões pertinentes à clínica de linguagem por se dedicarem à instauração linguística de cada indivíduo quando se enuncia como locutor; — aspecto importante da terapia de linguagem, na qual os sujeitos se deparam com a escuta do seu modo particular de apropriação da língua.

Avançando nos argumentos do linguista acerca das posições ocupadas pelos sujeitos no discurso, cabe destacar os princípios referentes à subjetividade na linguagem e registrar que, para a palavra assegurar a comunicação, é preciso que esteja habilitada pela linguagem. Em *Da subjetividade na linguagem*, escrito para um jornal de psicologia, o autor critica a noção simplista de linguagem como instrumento da comunicação e indica que essa faculdade tem a propriedade essencial de ser constitutiva do homem. Em suas palavras:

É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de “ego”. (BENVENISTE, 1991:286)

Neste prisma, o processo de comunicação é visto como consequência da condição fundamental de polaridade das pessoas na linguagem, isto é, refere-se à condição do diálogo, que tem as bases assentadas no fenômeno da alteridade: “eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*” (ibidem). De acordo com Benveniste, é a capacidade do locutor de se propor como sujeito no exercício da língua que assinala a subjetividade – noção intimamente aliada à de pessoa, sendo os pronomes pessoais (*eu-tu*) o primeiro ponto de apoio; e quando o linguista declara que a consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste, vemos evidente a natureza intersubjetiva da linguagem, que permeia a relação do sujeito com sua própria fala, a dominância

da fala do outro e o funcionamento da língua; destacando que nas três posições a questão da escuta atravessa a estrutura *eu-tu/ele*.

Estes capítulos selecionados na obra de Benveniste, compreendem conceitos primordiais e indispensáveis referentes às posições ocupadas pelas pessoas do discurso, apresentando questões que certamente repercutem em nosso modo de pensar os indivíduos implicados na cena terapêutica e nos auxiliam na reflexão a respeito do modelo de interação linguística, considerando a relação falante-ouvinte.

A FORMA E O SENTIDO BENVENISTIANOS

No texto *A forma e o sentido na linguagem*, proferido na ocasião de uma conferência em um congresso de filosofia em 1966, Benveniste propõe discutir a relação entre forma e sentido a partir da noção de funcionamento da língua, indicando que a definição de sentido como o conjunto de elementos abarcados pelo coletivo, e de forma como substância linguística concreta afastada do sentido, não bastam para resolver a questão que se impõe.

É na direção de abordar a significação como um problema de língua e de linguagem que o linguista nos apresenta noções essenciais de sua teoria, auxiliando na fundamentação de nossos interrogantes.

Em síntese, Benveniste sugere duas maneiras de ser língua: semiótica e semântica. Essa proposta, na qual os dois modos de língua se encontram implicados, considera o signo como unidade semiótica e a frase como unidade semântica. Na esfera semiótica, o significante tem forma, isto é, representa uma estrutura formal, e sentido – função distintiva; assim como a face do significado, tem forma enquanto opera um reconhecimento, e sentido, posto que significa. No âmbito do semântico, os princípios da forma e do sentido existem também simultaneamente, uma vez que a forma se refere ao agenciamento das palavras no sintagma e o sentido representa a ideia emitida pela frase. Com isso, Benveniste destaca que os conceitos de forma e de sentido na linguagem devem ser constatados no funcionamento da língua.

Sabendo que a perspectiva benvenistiana é fortemente marcada por um viés linguístico da semântica, e assim em sua reflexão sobre as relações de forma e sentido os encaminhamentos são prioritariamente guiados pelo aspecto semântico

da relação entre forma e sentido, ocorre-nos indagar a respeito de qual o lugar que a forma toma nos atos enunciativos, tanto para o locutor como para o alocutário. Ou seja, acreditamos que há ainda terreno fértil, na linguística de inspiração benvenistiana¹⁵, para uma discussão detalhada da maneira como o “tu” se apropria dos enunciados evocados pelo “eu”. Acreditamos não se tratar de uma mera inversão das relações entre forma e sentido, mas do acréscimo de uma problematização do lugar do “ele” na relação *eu/tu*.

Estas noções nos interessam visto que, na análise da teoria benvenistiana, encontramos respaldo para considerar a concepção do significante como forma sonora que condiciona e designa o significado, e não apenas como uma sequência de sons que a estrutura vocal da língua demanda; — percepções que amparam nossas questões referentes à noção de escuta que, conforme acreditamos, desempenha função decisiva no exercício da língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escuta da qual nos ocupamos não está garantida na materialidade fônica, mas escava significação mesmo em terreno escasso, acanhado em mínimas sugestões comunicativas passíveis de interpretação. Isto posto, resgatamos o interrogante capital de nosso trabalho: **no instante em que ocupamos a posição de ouvinte ficamos submetidos à passividade?**

Na reta final de nosso percurso, e após buscarmos ancoragem nas bases linguísticas de Saussure, Jakobson e Benveniste, cabe-nos encaminhar deslocamentos.

Arriscamo-nos a reconhecer que mesmo em situação de ocupar a posição daquele que escuta o dizer, ou o não dizer, do outro, acolhemos a demanda de operar com uma atitude disposta a significar o que nem sempre, ou quase em nenhuma vez, está dado como possível no terreno da língua. Dessa forma, a noção de escuta que atravessa nossas reflexões não se encontra limitada apenas ao

¹⁵ De mesmo modo, os efeitos desta reflexão muito teriam a contribuir para o campo da clínica de linguagem.

perceber a produção sonora do outro, mas manifesta um agir, um ajuste de ouvido que suspeita da perplexidade que a escuta convoca.

A partir da reversibilidade do par falante-ouvinte, que tece o modelo linear da interação linguística, D'Ottavi (2010:78-79)¹⁶ nos aponta uma disposição ativa do lado receptivo do falante em seu exercício de decodificação, posto que nossa orelha capta uma massa amorfa, recorta unidade e identifica aquilo que conhece; logo, percebemos a impressão acústica estabelecendo identidade. Com a ajuda dessa interpretação do linguista italiano contemporâneo, operamos os devidos deslocamentos¹⁷ para o campo da clínica de linguagem.

Nesse sentido, nosso trabalho convida a pensar na função da escuta para a clínica de linguagem, reconhecendo que é a partir da suposição de que o outro tem algo a dizer, que podemos sustentar a comunicação. Assim, retornamos ao escrito de Barthes e pomos em ênfase o que ele nos revela: "(...) o silêncio do ouvinte será tão activo como a palavra do locutor: poder-se-ia dizer que a escuta fala (...)" (BARTHES, 1987:141).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Lourdes. Considerações sobre a escuta na clínica de linguagem. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 47, n. 1/2, p. 167-174, 2005.
- BARTHES, Roland; HAVAS, Roland. Escuta. *Enciclopédia Einaudi*, Lisboa: Imprensa Nacional, v.11, 1987.
- BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In. BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas SP: Pontes, 1991. p. 284-293.
- BENVENISTE, Émile. A natureza dos pronomes. In. BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas SP: Pontes, 1991. p. 277-283.
- BENVENISTE, Émile. A forma e o sentido na linguagem. In. BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas SP: Pontes, 1999. p. 217-240.
- D'OTTAVI, Giuseppe. Ferdinand de Saussure e Monsieur B. In: *Bollettino di Italianistica*. Roma: Nuova Serie, v. VII, n. 1, p. 71-91, 2010.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix. 1969.

¹⁶ Cabe lembrar que a reflexão de D'Ottavi (2010) também parte da análise da posição do ouvinte a partir do circuito da fala presente no Curso de Linguística Geral.

¹⁷ Esses desdobramentos da leitura da proposta de D'Ottavi serão melhor detalhados em estudos futuros, dados os objetivos do presente trabalho.

JAKOBSON, Roman. *Seis lições sobre o som e o sentido*. Lisboa: Moraes Editores. 1977.

JAKOBSON, Roman; POMORSKA, Krystyna. *Diálogos*. São Paulo: Cultrix. 1985.

LIER-DE VITTO, Maria Francisca; EMENDABILI, Mariana. Uma posição sobre a escuta na clínica de linguagem. *Linguística*, Montevideo, v. 31, n. 2, p. 73-82, dez. 2015.

MILANO, Luiza; STAWINSKI, Aline; GOMES, Janaína. Por uma noção de escuta a partir do legado saussuriano. *Eutomia*, Recife, v. 17, n. 1, p. 92-104, jul. 2016.

POLLONIO, Cláudia Fernanda. *Escuta e interpretação na clínica de linguagem*. 2011. 146fls. Tese (Doutorado em linguística aplicada e estudos da linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix. 1974.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de Linguistique Générale*. Édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Payot. 1972

SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de Linguística Geral* (org. Bouquet & Engler). São Paulo: Cultrix. 2004.

STAWINSKI, Aline Vargas. *O aspecto fônico da língua: uma reflexão sobre o lugar do ouvinte na proposta Saussuriana*. 2016. 108fls. Dissertação (Mestrado em análises textuais, discursivas e enunciativas) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.